

MANOEL DE BARROS, O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Suzel Domini dos Santos (UNESP/SJRP)

Susanna Busato (UNESP/SJRP)

RESUMO: A linguagem poética de Manoel de Barros destaca-se, entre outros aspectos, pela originalidade na escolha dos paradigmas lexicais que servem à composição imagética. O sema da inferioridade, por exemplo, mostra-se uma fonte primordial ao projeto estético do poeta, de modo que os versos que integram sua obra empilham um amontoado de elementos inúteis, ínfimos e sem valor. Apropriando-se do sema em questão, Barros realiza um trabalho minucioso de transfiguração poética dos itens lexicais que o constituem, ou seja, dos itens cuja carga semântica convencional vincula-se ao descarte ou rejeição no âmbito da sociedade de consumo. Diante disso, pensamos que o poeta se posiciona contrariamente à ordem estabelecida pelas convenções que orientam tal sociedade, uma vez que propõe uma exaltação do inútil, uma proposição do gratuito, isto é, a reposição de valor ao que, pelo menos aparentemente, não tem mais valor. A lógica da sociedade de consumo apregoa o desapego, e, ao estimular a aquisição desenfreada de bens, objetos e serviços, confere um caráter de brevidade e limite à utilidade das coisas. Em claro e pleno exercício de insubmissão e resistência a esse sistema, Manoel de Barros difunde o afeto pelo ínfimo, defendendo e promovendo um resgate daquilo que foi posto à margem.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Metalinguagem. Modernidade lírica. Sociedade de consumo.

Em uma entrevista concedida a José Otávio Guizzo para a Revista *Grifo*, Manoel Barros afirma o seguinte: “A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas.” (BARROS, 1996, p. 310). Esse trecho remete a um dos pilares de sua visão do poético concernentes à função da poesia. E, para Barros, a função da poesia seria a de intervir, significativamente, na maneira como o homem lida com a realidade em que se insere, de modo a direcioná-lo para uma percepção mais livre das coisas, a fazê-lo experimentar um olhar mais autônomo e espontâneo para o mundo. De acordo com essa visão, a linguagem poética cumpre uma função libertária, uma vez que sua natureza

insubmissa diante das convenções poderia levar o leitor a recuperar a espontaneidade do olhar para as coisas e o mundo, para si mesmo e também para o outro.

A poesia desarticula as tentativas de modalização normativa impostas pela convenção, frustrando-as na medida em que desvela o caráter plurissignificativo e multifacetário das coisas por meio da reorganização dos signos. Uma experimentação consciente e ativa da vida celebra o desdobramento das coisas para além da compreensão habitual, que é regida pelos limites da linguagem funcional. E é justamente isso que a palavra poética incita ao convidar o espírito para os exercícios de contemplação e reflexão. Nesse sentido, a poesia poderia conduzir o homem, o leitor de poesia, a uma experiência mais íntima do mundo, menos determinada pelas regras e, portanto, menos automatizada.

Conforme aponta Moisés (2007), a civilização – no sentido do processo de modernização material, que culmina com a globalização – uniformizou os modos de percepção e entendimento do mundo. O homem contemporâneo, inserido numa estrutura social regida pelos velozes ditames do consumo, da produtividade e da eficiência técnica, perde sua individualidade ao diluir-se na massa. A publicidade, motor da sociedade de consumo, uniformiza o desejo na medida em que propõe, ou impõe, por meio do fetiche, necessidades comuns a todos. Isso implica a homogeneização da percepção, haja vista que acaba por contribuir com a padronização das escolhas e da conduta humana, com a padronização dos destinos. Num movimento quase maquinal, o homem se relaciona com a realidade que o cerca por intermédio do reconhecimento. Considerando a integração do homem contemporâneo em uma dinâmica de entendimento passivo do mundo, a possibilidade de desdobramento das coisas pela atuação contemplativa ou reflexiva do espírito, para além das convenções, passa despercebida. A ordenação da sociedade e da vida suscitada pelos princípios burgueses rouba do homem um pouco de sua singularidade, de seu poder de ser-se na compreensão livre do mundo, e de ação livre sobre o mundo.

Evocando o pensamento de Heidegger (1962), Moisés ressalta que a busca desenfreada pela novidade, que marca a dinâmica de funcionamento da sociedade de consumo, impregna o próprio homem, naquilo que se refere à relação que trava com o mundo e com os semelhantes. Dentro da lógica que conduz a sociedade de consumo, o novo constitui-se como um valor em si mesmo, para além dos bens e objetos, de modo que se estabelece, no seio dessa organização social gerida pela economia de mercado, um seguimento lógico de entronização dos modelos e versões mais recentes, e,

decorrentemente, uma atitude de descarte daquilo que vai sendo superado em novidade. Mergulhado na dinâmica dessa engrenagem, o homem adquire uma percepção extremamente rasa do real: as pessoas não se demoram mais na contemplação das coisas, e, com isso, deixam de exercer sua “liberdade de escolha” (MOISÉS, 2007, p. 85) e sua “capacidade de reflexão” (idem, *ibidem*).

De acordo com Heidegger (1962 apud MOISÉS, 2007, p. 85), “a avidez de novidades, no gozo de sua liberdade plena, não cuida de ver para compreender o visto, ou seja, para adentrar um ‘ser’ relativo a isso, mas tão-somente para ver. Só busca o novo para saltar imediatamente para outro novo.” Ancorado no pensamento do filósofo alemão, Moisés (2007) entende a forma rasa de compreensão das coisas que caracteriza o olhar do homem-consumidor para o mundo como perda da consciência ou da própria humanidade. O autor assinala que essa perda pode ser assimilada como aniquilamento da capacidade de ser-se nas coisas por meio da contemplação, da reflexão, do entendimento sensível ou inteligível. Mantendo uma visão pessimista, e nostálgica, até, Moisés (2007, p. 86; grifo no original) afirma que “tudo o que nos cerca corre o risco de se tornar mercadoria descartável, até que se descarte também o único obstáculo capaz de resistir à perversão dessa espécie de ‘progresso’ indiscriminado: *a consciência*.”

Apesar das condições hostis para o exercício do olhar despido para as coisas, a poesia sobrevive, ainda. E, necessária, “ensina, subliminarmente, a estratégia da **insubmissão**” (MOISÉS, 2007, p. 26; grifo nosso), já que se constitui como exercício a partir do qual a consciência mantém-se viva, e, mais que isso, como exercício disseminador do olhar consciente e criador. Consoante as palavras de Moisés,

A poesia não espera e não aceita que conhecimentos se acumulem para formar um *todo* homogêneo e coeso; para a poesia, esse *todo* não passa de miragem ou impostura. A poesia ensina que o *todo* não é a soma das partes; é, antes, cada edifício contido em cada tijolo. (A lógica formal não teria por que, nem como, quantificar os dados fornecidos pela excêntrica lógica poética.) Em matéria de conhecimento, desde que se trate de poesia, o único pré-requisito é **estar apto a ver, enquanto ato inaugural, a semente de qualquer possível árvore do saber**. (2007, p. 22; os dois primeiros grifos são do original, o último é nosso)

Tomando o pensamento do autor como ponto de partida e amparo crítico, frisamos que Manoel de Barros coloca-se, de forma muito arguta, na contracorrente da ordem estabelecida pelas convenções que orientam a sociedade de consumo. O que Barros propõe, com sua poesia, é uma exaltação do inútil, uma proposição do gratuito,

isto é, a reposição de valor ao que não tem mais valor, pelo menos aparentemente. A lógica da sociedade de consumo apregoa o desapego, e, ao estimular a aquisição desenfreada de bens e objetos, confere um caráter de brevidade e limite à utilidade das coisas. Em claro e pleno exercício de insubmissão ao sistema, o poeta difunde o afeto pelo ínfimo, defendendo e promovendo um resgate daquilo que foi posto à margem. Nesse processo, demora-se na contemplação, na reflexão e no entendimento crítico e sensível das coisas inúteis, e, com isso, incita o leitor a fazer o mesmo. Manifestando um ideal de subversão da lógica, sua poesia pretende tocar fundo o leitor, para que este apreenda o mundo de forma mais contemplativa ou reflexiva, e possa, portanto, dispor de uma experiência mais íntima e criativa da vida.

Nesse sentido, resta aos poemas a tarefa de empilhar um amontoado de elementos inúteis, ínfimos e sem valor. “O homem de lata” (BARROS, 2010a, p. 127), “as lagartixas de latrina” (idem, p. 163), “o idiota de estrada” (idem, p. 161), “o porco celestial” (idem, p. 189), “o relógio com o tempo enferrujado dentro” (idem, p. 242) e “o aparelho de ser inútil” (p. 239), por exemplo, são alguns dos itens que integram o imenso conjunto de relíquias compostas por via de um trabalho artesanal de transfiguração poética do sema da inferioridade.

Levando em consideração a recolha e a acumulação dos elementos ínfimos que marcam o fazer poético de Barros, Sanches Neto (1997) estabelece uma relação de parentesco entre a figura do poeta e a do colecionador. Como se fossem, então, prateleiras dispostas de modo a guardar ou expor uma coleção, os versos sustentam imagens poéticas elaboradas a partir de um aproveitamento poético do paradigma lexical da inutilidade, da marginalidade.

Em virtude da fusão dos espaços metapoético e figurativo, as imagens que encontramos nos versos-prateleiras de Barros sustentam, por sua vez, a ideia de que a poesia deve nascer do inútil, e, mais que isso, de que a poesia deve configurar-se como um espaço lídimo para o acolhimento do ínfimo. Observamos, assim, que há uma simetria entre a realização poética em si e as ideias encadeados no texto por intermédio da metalinguagem.

Por um lado, distingui-se a excessiva repetição do procedimento metalinguístico em defesa da ideia de valorização daquilo que é considerado inútil: “Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma / e que você não pode vender no mercado / como, por exemplo, o coração verde / dos pássaros, / serve para poesia” (BARROS, 2010a, p. 146); “É no ínfimo que eu vejo a exuberância.” (idem, p. 341). Citamos, ainda, alguns

títulos significativos de livros, que fazem a apologia e o engrandecimento das coisas ínfimas e rasteiras: *Gramática expositiva do chão* (1966), *O livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001).

Por outro lado, destaca-se a repetição igualmente excessiva da recolha e do aproveitamento de itens semânticos que compõem o paradigma da inferioridade, tais como os substantivos “lata”, “caramujo”, “sapo”, “pedra”, “formiga” e “ferrugem”, ou como os qualificativos “abandonado”, “sujo”, “rasteiro”, “estragado” e “inútil”.

Segundo a voz crítica de Barros, a matéria de sua poesia “são ‘os nervos do entulho’, como disse o poeta português José Gomes Ferreira. [...] O cisco semovente e o propriamente cisco.” (BARROS, 2010b, p. 45). Discorrendo acerca da coleta e da transfiguração do inútil como método de construção poética, o poeta assevera:

Em estudo sobre *O processo*, de Kafka, o humanista Günther Anders observa o amor de Leni pelos processados. Leni acha que a miséria da culpa os torna belos. Sua compaixão pelas vítimas é que leva ao amor. De muita dessa compaixão é feita a poesia do nosso século. Um fundo amor pelos humilhados e ofendidos de nossa sociedade banha quase toda a poesia de hoje. Esse vício de amar as coisas jogadas fora – eis a minha competência. É por isso que eu sempre rogo pra Nossa Senhora da Minha Escuridão que me perdoe por gostar dos desheróis. Amém. (BARROS, 2010b, p. 45)

Os elementos e os itens desvalorizados e descartados pela sociedade de consumo apresentam grande valor, constituindo-se como matéria apta à construção da poesia. O poeta recolhe aquilo que fica à margem, invertendo os padrões. No seio de sua linguagem, todas as coisas e todos os seres que, no âmbito do convencional, existem sob o estigma da inutilidade, ocupam um lugar de destaque, uma posição de valor. Dessa forma, podemos entender que sua poesia propõe-se como um ato político, ao promover uma subversão em relação aos paradigmas de valor que fundamentam a sociedade contemporânea, atribuindo relevância àquilo que, habitualmente, é descartado ou marginalizado.

Considerando essa faceta da poesia de Manoel de Barros, propomos uma leitura do poema “13” da segunda parte de *Livro sobre nada*, intitulada “Desejar ser”:

Venho de nobres que empobreceram.
Restou-me por fortuna a soberbia.
Com esta doença de grandezas:
Hei de monumentar os insetos!
(Cristo monumentou a Humildade quando beijou os

pés dos seus discípulos.
São Francisco monumentou as aves.
Vieira, os peixes.
Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.
Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)
Com esta mania de grandeza:
Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas
de orvalho. (BARROS, 2010a, p. 343)

O sujeito lírico coloca-se como parte de uma linhagem de “nobres que empobreceram”, destacando a figura de Cristo como origem dessa estirpe, e outros nomes que a constituem, sendo eles São Francisco de Assis, Padre António Vieira, William Shakespeare e Charles Chaplin. O poeta presentifica, no espaço da linguagem, o outro, transformando cada uma das figuras citadas em um existente para além do mundo referencial, ou seja, confere-lhes um caráter ético e estético na medida em que os transfigura em signos que integram e sustentam a tessitura do poema. Segundo a lógica construída pelo texto, a característica primordial dessa linhagem é a subversão, a proposição de um novo padrão frente à norma estabelecida. Mais precisamente, as figuras elencadas destacam-se por propor a valorização daquilo que é menosprezado pelo sentido comum, ou que permanece invisível para olhos atrofiados pelo hábito.

Por esse ângulo, sublinhamos o uso do neologismo “monumentar”, criado a partir do vocábulo “monumento”, substantivo que traz implícita a noção de imponência e grandiosidade, tanto que encontramos na língua portuguesa o adjetivo “monumental”. Ao destacar o feito de cada um dos “nobres que empobreceram”, inclusive de si mesmo como parte da estirpe, o sujeito lírico emprega o verbo “monumentar”. Com isso, atribui à subversão da ordem preexistente realizada por Cristo, por São Francisco, por Vieira, Shakespeare e Chaplin, o valor de obra, de feito grandioso. Esses homens, signos de resistência conforme o sentido articulado no poema, tomaram o partido dos marginalizados, dedicando-se ao propósito de conceder voz àqueles que foram ou são menosprezados pela sociedade. Não há, portanto, modéstia alguma na colocação do sujeito lírico. A “soberbia” é a “fortuna” que seus ascendentes lhe deixaram, sua herança é “a doença e a mania de grandeza”.

Naquilo que concerne à particularidade de seu próprio projeto, o sujeito lírico ressalta, com muita convicção, que “há de monumentar os insetos”, que “há de monumentar as pobres coisas do chão mijadas de orvalho”. Notamos que sua voz coordena argumentos metalinguísticos que expressam os propósitos estéticos de Barros,

isto é, a defesa crítica da recolha e valorização das coisas miúdas como meio original de articulação da linguagem. O sujeito lírico coloca-se ao lado de nomes grandiosos, conferindo importância a seu próprio feito e, simultaneamente, acaba por enfatizar a clareza da finalidade estética do poeta, que concebe a celebração do inútil como ponto de força de sua poesia.

Ao abraçar o ínfimo, Manoel de Barros experimenta e expõe a face oculta das coisas, lançando um olhar espontâneo para o mundo, um olhar não atrofiado pelos limites impostos pela convenção. Muito conscientemente, ele conduz o seu fazer de maneira a questionar as tentativas de homogeneização da percepção e compreensão humanas. Associando o questionamento à própria subversão dos paradigmas, que acontece no plano da forma, o poeta incita e direciona o leitor de poesia a um estado de insubmissão frente às tentativas de padronização.

Referências

BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010a.

BARROS, M. Eu sou o rascunho de um sonho. In: MÜLLER, A. (Org.). *Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010b, p. 38-171.

BARROS, M. Conversas por escrito: Entrevistas: 1970-1989. In: _____. *Gramática Expositiva do chão: poesia quase toda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 305-343.

HEIDEGGER, M. *El ser y el tiempo*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.

MOISÉS, C. F. *Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

SANCHES NETO, M. *Achados do chão*. Ponta Grossa, PR: Editora da UEPG, 1997.